

ROSÂNGELA
BITTAR

ELEIÇÃO PRESIDENCIAL

A onda, no Brasil, se dirige ao Congresso

Políticos europeus têm manifestado ao governo brasileiro sua perplexidade com o quadro eleitoral do país. “No momento em que a centro-direita toma a Europa, todos os candidatos à Presidência do Brasil são de esquerda. Como vocês deixaram isso acontecer?” Foi a pergunta que o ministro de Comércio Exterior da Itália, Adolfo Urso, fez ao chanceler Celso Lafer, em encontro há duas semanas, quando o italiano, que é deputado da aliança conservadora, aqui esteve para contatos políticos. Na verdade, ele foi mais direto. Urso lembrou os milhões de dólares investidos aqui e a insegurança provocada pelo quadro eleitoral.

Quando ele por aqui passou, a França nem havia ainda completado, com a eleição da maioria do Congresso no último domingo, o fim do ciclo de coabitação entre direita e esquerda no Executivo e no Parlamento. Agora, são todos da centro-direita. Numa onda de alternância que quase uniformizou o cenário político a centro-direita dominou a Espanha, Portugal, França, Itália, Holanda, Dinamarca, Áustria. Os dois próximos testes para o poder da social democracia são a Suécia, que terá eleições proximamente, e a Alemanha, onde o primeiro-ministro Gerard Schröder vem lutando, para as eleições de setembro próximo, contra o fortalecimento dos conservadores comandados pelo líder empresarial Edmund Stoiber.

Sobrevivente garantido, então, só Tony Blair, o primeiro-ministro britânico. Em 17 de maio último, na Espanha, quando se encontraram por ocasião da reunião de Cúpula Mercosul-União Européia, Tony Blair e Fernando Henrique Cardoso analisavam o declínio da social democracia na Europa quando o britânico concluiu, com uma brincadeira: “Do jeito que as coisas vão, na próxima Cúpula da Governança Progressista talvez eu esteja sozinho”.

Apesar dos temores de investidores, o ciclo europeu não é parâmetro e não se aplica ao Brasil, onde as nuances e a fragilidade dos partidos não permitem nitidez política. Há, aqui, porém, um partido, o PFL, que se identifica com a centro-direita européia, realiza um trabalho conjunto com o Partido Popular (PP), tem feito reuniões sucessivas e treinado quadros em Madri e em Brasília e avalia que esta parceria o tem ajudado a dominar tecnologias eleitorais.

Centro-direita européia está no PFL

O prefeito Cesar Maia, que comanda as relações do PFL com o PP espanhol, dá aos exercícios de definição das tendências a denominação de “geometria política”, e diz que o fundamental é entender o que é o centro, pois é aí que se ganham as eleições. “As vitórias da direita na Europa vêm acompanhadas de um deslocamento da direita e da esquerda para o centro. Há o centro que é meio caminho entre a direita e a esquerda políticas; há o centro que é um terceiro ponto em uma terceira dimensão, inaugurado no início dos anos 60 pela Democracia Cristã; e há um terceiro centro que é uma posição indefinida e pragmática”.

Depois da derrota dos planos de ter candidato próprio ou repetir a aliança com o PSDB, o PFL está partindo firme para um plano de eleger grandes bancadas no Congresso, de forma a resgatar a sua importância qualquer que seja o governo eleito em outubro. O partido pretende eleger cerca de 100 deputados e incrementar a atual bancada de 16 senadores com pelo menos mais cinco. “A probabilidade de o PFL fazer a maior bancada federal é cada dia maior, pois ficou livre para as coligações regionais e teve orientação clara para isso”, afirma.

A forma de atuação dessa centro-direita forte no Congresso, porém, é que mudará, a depender do vencedor das eleições. Segundo Cesar Maia, se for Luiz Inácio Lula da Silva, “há a hipótese estudada de uma parte do PSDB compor com o PT um governo de coalizão”, projeta. Neste caso, o PFL, diz, ocupará todos — e frisa: todos — os espaços de oposição. E aqui define o centro do PFL: “espaços da direita até o centro, como meio caminho direita-esquerda”.

Se o vencedor for José Serra, acredita Cesar Maia que o PFL será “empurrado” para a direita. “Debateremos internamente sobre composições em governo e no Congresso, inclusive com a Presidência de uma das mesas, a do PSDB. Hoje a tendência majoritária do partido é se posicionar à direita, como oposição”.

Rosângela Bittar é chefe da Redação, em Brasília.

Escreve às quartas-feiras

E-mail rosangela.bittar@valor.com.br